

UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA SOBRE A ABORDAGEM DA RELAÇÃO HOMOAFETIVA E DA HOMOPARENTALIDADE NA NARRATIVA VERBO-VISUAL PARA CRIANÇAS

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula

Orientadora: Beatriz dos Santos Feres

Doutoranda

RESUMO: Neste trabalho, pretende-se investigar como os temas relação homoafetiva e homoparentalidade têm sido trabalhados em obras verbo-visuais destinadas ao público infantil. Temas sociais como esses inscrevem-se em formações discursivas muito específicas, suscitando controvérsias que, dependendo do modo como são tratadas, podem gerar polêmica. Obras verbo-visuais constituem-se de textos híbridos, em que os sentidos emergem das relações estabelecidas entre a linguagem verbal e a visual por meio do processo de interpretação, que se realiza pela percepção dos seres do mundo, manifestados não só de modo icônico nas ilustrações, mas também pela maneira simbólica com que as palavras categorizam o universo construído pelo homem. Percebe-se que, recentemente, tem sido intensificada a publicação de obras destinadas às crianças acerca de temas sociais, ora sob um viés predominantemente estético, servindo a fins eminentemente artísticos – estimulando a imaginação e a criatividade –, ora preponderantemente didatizante, objetivando a transmissão de valores tradicionais consolidados pela sociedade. No entanto, a interação entre a palavra e a imagem parece causar um efeito patêmico (CHARAUDEAU, 2007) e, por conseguinte, o desenvolvimento de uma competência frutiva (FERES, 2011); o que permite uma atitude projetiva (CHARAUDEAU, 2004a) e a persuasão do leitor. Dessa forma, narrativas dessa natureza poderiam ser categorizadas como reflexivas. O principal aporte teórico para analisar o modo como esse discurso é organizado é a Teoria Semiollingüística de Análise do Discurso (2008) e o corpus investigado constitui-se de obras publicadas em 2007 e 2010.

PALAVRAS-CHAVE: relação homoafetiva, homoparentalidade, livros infantis, semiollingüística.

Considerações iniciais

No século XVIII, a literatura começou a ser destinada às crianças europeias, motivada por fatores sociais e econômicos. Por um lado, a emergência de uma nova classe econômica – a burguesia – buscou, na escola, a transmissão dos valores sociais e culturais para seus herdeiros; por outro, a Revolução Industrial impulsionou a comercialização de livros infantis como objeto de arte, brinquedo, entretenimento e, sobretudo, como instrumento pedagógico adotado nas escolas.

De acordo com Coelho (2000, p. 46), as grandes obras literárias que, com o decorrer do tempo, passaram a ser destinadas às crianças situam-se tanto no domínio artístico quanto na área pedagógica. Enquanto objeto que provoca emoções, oferece prazer e diversão e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil inscreve-se na área artística. Por outro lado, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, a literatura infantil filia-se à pedagogia. As fronteiras que limitam esses dois campos são muito próximas. No entanto, em se tratando de literatura infantil, pode-se afirmar que instruir e divertir coexistem como finalidades de uma mesma obra.

Atualmente, essas abordagens passaram a ser situadas em polos opostos e, às vezes, o público infantil é surpreendido com obras que radicalizam o extremo pedagogizante, ao se revestirem de informações éticas e morais, despindo-se de fantasia e imaginação. Entretanto, há aquelas obras que sabem promover o encontro feliz desses dois caminhos. Essas são produções que, além de divertir, emocionar e dar prazer, também ensinam modos de ver o mundo, viver, pensar, reagir e criar, por meio do trabalho simbólico da linguagem.

Acredita-se que isso se deva, principalmente, ao modo como o discurso é organizado na literatura (tanto a infantil quanto a adulta). Se uma das finalidades de quem escreve (e ilustra) literatura é convencer o seu destinatário, seria preciso fazer uso de operações argumentativas para provar a verdade. No entanto, observa-se que o texto literário, inclusive o verbo-visual, embora não organize seu discurso de modo argumentativo, convence ou seduz o leitor por meio de estratégias de captação.

Segundo Charaudeau (2004a), a argumentação é uma atitude impositiva, porque obriga o outro a incluir-se em um esquema de verdade. A narração, por sua vez, é uma atitude projetiva, que permite o outro identificar-se com os personagens de uma trama narrativa. No

domínio discursivo da literatura infantil, obras que revelam uma intenção formativa, atraem mais leitores quando enveredam também pelo caminho da imaginação.

Devido à própria natureza da literatura infantil, no contrato de leitura dessas obras, percebe-se a predominância de estratégias de captação, seja para persuadir, seja para seduzir o leitor, principalmente, quando o propósito comunicativo suscita controvérsias sociais, como os temas que estão sendo analisados neste trabalho: a relação homoafetiva e a homoparentalidade.

O termo homoafetivo foi cunhado pela jurista Maria Berenice Dias para designar o amor entre iguais, em sua obra intitulada: “União homossexual: o preconceito e a justiça” (2005). Já, homoparentalidade foi uma nomenclatura usada, primeiramente, na França, em 1996, pela *Association des Parents et Futurs Parents Gays e Lesbiens* (APGL)¹, quando discutiam os direitos civis de adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Segundo Charaudeau (2017, p. 49), as controvérsias sociais são fundamentadas pelo saber de opinião e constituem um gênero discursivo específico de confronto, em que cada interlocutor defende uma posição diferente sobre o mesmo tema. Para entender como um livro infantil pode desencadear controvérsias sociais, é preciso entender o funcionamento do dispositivo desse contrato, o que será tratado na próxima seção.

Aspectos formais do contrato de leitura em livros verbo-visuais infantis

Na literatura infantil, uma grande quantidade de textos é constituída por imagens e palavras. Isso faz com que, frequentemente, a literatura infantil seja considerada sob pontos de vista que parecem reduzir a sua qualidade discursiva: ora as ilustrações são consideradas como recurso de facilitação à leitura – principalmente quando a criança ainda não está alfabetizada –, ora como estratégia de captação – em que a afetividade da criança é mobilizada a fim de despertar seu interesse pelo livro.

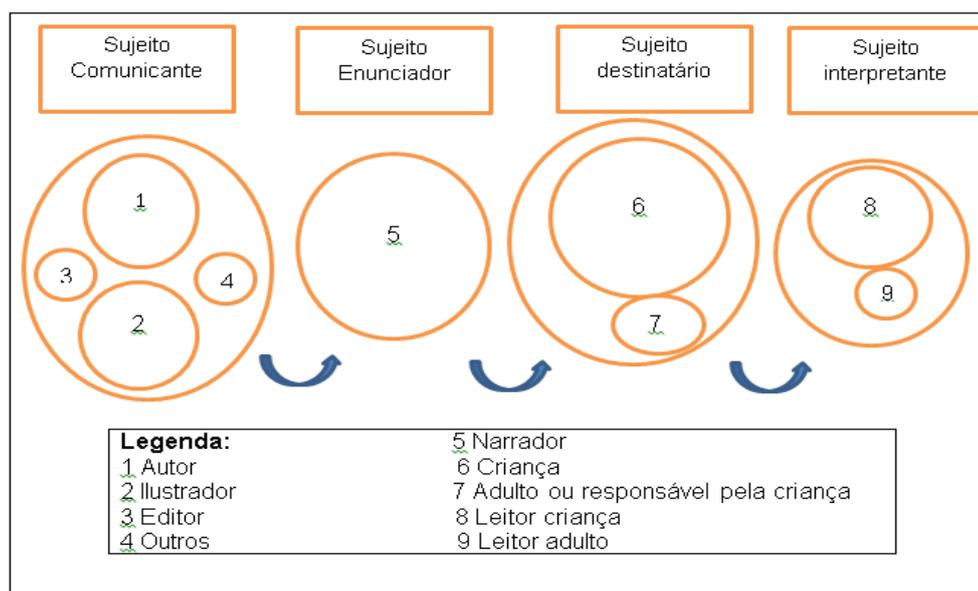
No entanto, na narrativa verbo-visual infantil, a imagem também pode combinar-se com a palavra e contribuir para o sentido do texto. Segundo Santaella (2012), semanticamente, essa contribuição pode ocorrer em duas direções: da imagem para a palavra ou da palavra para a imagem, expandindo, contradizendo ou (quase) reproduzindo o sentido. Além disso, obras verbo-visuais inauguram uma forma diferente de decodificação de signos,

¹ Associação de Pais e de Futuros Pais Gays e Lésbicas.

já que requerem, do leitor, competências discursivas (CHARAUDEAU, 2001) que o ajudem a reconhecer o discurso na materialidade do texto, observando desde a organização narrativa do texto até a contribuição semântica de elementos paratextuais, como, por exemplo, a diagramação, o formato, o enquadramento, a associação de leitura no espaço da página e a relação entre a capa e as guardas do livro com o seu conteúdo.

É importante ressaltar que o contrato de leitura no livro infantil não se estabelece somente entre adultos (na instância de produção) e crianças (na instância de recepção), pois não se pode dizer que apenas a criança seja o sujeito destinatário absoluto dessas obras, já que o livro infantil também está inserido em uma dinâmica mercadológica, e, para ser comercializado, precisa agradar também aos pais dos pequenos leitores ou aos seus responsáveis. Além disso, o livro infantil também circula nas escolas, onde, muitas vezes, o professor é quem seleciona ou medeia a leitura. Por essas razões, pode-se afirmar que há um duplo endereçamento nesse contrato, sendo a criança, o sujeito destinatário responsável pelo direcionamento principal das estratégias de captação.

O sujeito interpretante é o leitor real. Nessa instância, há a possibilidade também de crianças e adultos ocuparem a mesma posição, pois, há possibilidade de haver apreciadores de livros infantis em idades diversas. No polo de produção, o sujeito comunicante passa a ser identificado como o autor, o ilustrador da obra e, ainda, como todas as pessoas que trabalham em sua edição. O sujeito enunciador, por sua vez, pode ser identificado como o narrador da história, que tem sobre a sua responsabilidade um texto que se manifesta pelo verbal e pelo visual. Portanto, o narrador, no livro infantil verbo-visual, narra tanto a parte verbal quanto a parte visual da história, materializando o projeto de influência de todos os que compõem o sujeito comunicante desse contrato.



Dispositivo do contrato de leitura no livro infantil verbo-visual

O contrato de leitura em “Meus dois pais” (CARRASCO & CARDON, 2010) e em “Meu amigo Jim” (CROWTHER, 2007)

O discurso em “Meus dois pais” (CARRASCO & CARDON, 2010) está organizado, predominantemente, pelo modo de organização narrativo (CHARAUDEAU, 2008) e é apresentado por um narrador-contador, que conta a sua própria história por meio de um comportamento elocutivo e a partir de um ponto de vista interno, subjetivo. Nessa narrativa, observa-se uma estratégia muito comum em livros infantis: apresentar o narrador-contador como uma criança para aproximar o texto do jovem leitor e promover a sua identificação.

“Meus dois pais” (CARRASCO & CARDON, 2010) é uma das obras que compõe a série “Todos juntos”, publicada pela editora Ática, que pretende propor uma reflexão sobre sentimentos, emoções e conceitos para ajudar os leitores a superar momentos difíceis. Ao abordar os temas relação homoafetiva e homoparentalidade, acredita-se que as visadas discursivas dessa narrativa sejam: fazer-saber (CHARAUDEAU, 2004b) que há relações homossexuais e famílias formadas por casais homossexuais e fazer-sentir (FERES, 2011) a aceitação das relações e das famílias homoafetivas. No entanto, essa narrativa apresenta as referidas temáticas sob uma cobertura figurativa que pode desencadear controvérsias sociais.

A narrativa inicia-se pelo relato aliviado de Naldo por causa da separação de seus pais, que brigavam o tempo todo. Embora afirme estar chateado, o menino acredita que essa seja

uma situação comum, pela qual boa parte de seus amigos já passaram. Em seguida, um novo processo narrativo é apresentado: a convivência de Naldo com o pai em outra casa, que só deixava a desejar na hora da refeição, já que o pai não cozinhava bem. Então, Celso entra em cena e na vida de Naldo, inclusive, cativando o menino através de sua habilidade na cozinha. Adiante, outros processos narrativos emergem: Naldo terá de ir morar com o pai porque a mãe aceitará uma proposta de emprego em outra cidade e não terá tempo para cuidar do filho. A mãe e a avó, a princípio, resistem à ideia de o menino morar com o pai e com o Celso. Entretanto, o pai afirma sua paternidade responsável e leva Naldo consigo. O menino acaba descobrindo, por seus amigos, que o pai é homossexual e surpreende-se, já que nem o pai, nem o Celso eram delicados. A história termina com o aniversário de Naldo, que recebe, na véspera, a visita da mãe. E, estranhamente, é ela quem conversa com o filho para tentar fazê-lo aceitar a homossexualidade do pai, caracterizando a atitude do ex-marido como corajosa e enfatizando que, se o menino gostasse mesmo do pai, precisaria respeitar seu jeito de ser.

Nesse breve resumo da história, percebe-se como a construção da argumentação nessa narrativa gera controvérsias. Com a finalidade de demonstrar a importância do Celso, o sujeito comunicante coloca-o na história como portador de uma habilidade que falta ao pai de Naldo, o que encanta o menino. Além disso, sobre a mãe de Naldo, o sujeito comunicante faz pesar algumas descrições negativas na parte verbal do texto, pois a mulher, ao mudar-se para outra cidade, não teria tempo para cuidar do filho e acaba gostando da mudança, o que, implicitamente, significa o afastamento de Naldo. Já na parte visual, percebe-se que, em todas as ilustrações em que está junto do filho, o menino é mostrado com a expressão facial triste, sério ou preocupado. E, por fim, é importante destacar as controvérsias para os argumentos apresentados ao Naldo pela mãe, em prol da aceitação da relação homoafetiva do pai. Embora, na própria história o menino aponte as situações de agressão física e gratuita às crianças que aparentam ser homossexuais, a mãe classifica a atitude do ex-marido como corajosa, caracterizando, implicitamente, as não assumidas como covardes. Além disso, há a confusão entre gênero e identidade sexual, bastante comum na sociedade em geral, que, se abordada propositalmente na história, não fora desfeita. Naldo sente dificuldade para perceber a homossexualidade do pai e do Celso, porque nenhum deles é delicado. Outra questão controversa é a condição que a mãe apresenta ao filho para aceitar a relação homoafetiva: o próprio sentimento dele pelo pai, ao invés, de relacionar a aceitação como característica da dignidade humana.

Em “Meu amigo Jim” (CROWTHER, 2007), há um narrador-contador, que conta a história de outro por meio de um comportamento delocutivo. Nessa narrativa, observa-se outra característica bastante comum em livros infantis para crianças, na primeira infância: o uso de personagens animais para fazer a cobertura figurativa do texto.

Embora, nessa obra, sejam abordados os temas homossexualidade e preconceito racial, somente o primeiro corresponde ao objetivo de pesquisa deste trabalho. Tal qual a obra anteriormente analisada, acredita-se que, em “Meu amigo Jim” (CROWTHER, 2007), as visadas discursivas também sejam a de informação (CHARAUDEAU, 2004b) e a de fruição (FERES, 2011).

“Meu amigo Jim” (CROWTHER, 2007) conta a história de Jack, um melro que decide aventurar-se pelo mundo. De repente, ele conhece Jim, uma gaivota. Jack e Jim tornam-se amigos e Jim decide levar Jack para sua vila, onde começam a morar juntos. Jack sofre com o preconceito dos moradores da vila tanto por ser diferente (negro) quanto por coabitar com Jim. Vale destacar que, nessa narrativa, a parcela visual do texto é mais informativa que a verbal. Em um dado momento, Jack encontra um baú repleto de livros na casa de Jim e começa a ler para o amigo, já que a gaivota não sabia ler. Tão logo os moradores da vila ficam sabendo da novidade, começam a agrupar-se em frente à casa de Jim para ouvir as histórias contadas por Jack. Somente a partir daí, o melro passa a ser aceito na vila.

Também nessa narrativa, percebe-se que, para haver a aceitação da homossexualidade, o homossexual tem de demonstrar alguma habilidade que falta aos outros. Além disso, o sujeito comunicante parece também querer atribuir a causa do preconceito à falta da leitura.

Considerações finais

No contrato de leitura de Literatura Infantil, verifica-se não só visadas puramente “pedagógicas”, em que o sujeito comunicante pretende informar e prescrever, às crianças, as regras e os valores sociais vigentes na sociedade; verifica-se também visadas predominantemente “estéticas”, em que a expectativa do sujeito comunicante parece ser a de fazer a criança sentir, para além de informar.

Ao tratar de temas sociais, cujos valores ainda não estão consolidados na sociedade, a literatura infantil continua sendo, em parte, um veículo de transmissão, já que a narrativa é

um dos meios mais eficazes para captação do sujeito, seduzindo-o ou convencendo-o. Diferentemente do modo argumentativo, que impõe a verdade ao sujeito, o modo narrativo permite a sua projeção e, conseqüentemente, a sua identificação com a história e com os personagens que dela participam. Se a obra não traz em si um caráter exclusivamente pragmático, acredita-se que essa concepção utilitária da literatura possa não ser nociva ao desenvolvimento da imaginação e da criatividade da criança, já que visadas como informar, prescrever e sentir, por exemplo, não são excludentes.

Entretanto, percebe-se que a abordagem de temas sociais não é uma tarefa tão facilmente exequível quando o destinatário principal é uma criança. A cobertura figurativa, de que se costuma revestir o texto no livro infantil pode suscitar controvérsias sociais. Nas obras analisadas neste trabalho, por exemplo, nota-se que a intenção dos sujeitos comunicantes parece ser a de minimizar ou extinguir o preconceito contra a homossexualidade. No entanto, os argumentos que embasam as narrativas foram construídos por pressupostos que destacavam as potencialidades dos personagens, desconsiderando ou não destacando, suficientemente, a aceitação da homossexualidade como característica inerente à dignidade humana, independente de qualquer condição. Desse modo, a intencionalidade dos sujeitos comunicantes pode não ser devidamente materializada na superfície do texto.

REFERÊNCIAS

CARRASCO, Walcyr; CARDON, Laurent. *Meus dois pais*. São Paulo: Ática, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas. In: *Revista interamericana de estudios del discurso – ALED*, Venezuela: Editorial Latina, volume I, número 1, pp. 7-22, agosto de 2001.

_____. A argumentação talvez não seja o que parece ser. In: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. *Investigando a linguagem em uso: estudos em Lingüística Aplicada*. São Leopoldo, RS: Editora Usininos, 2004a. pp. 33 – 44.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2004b.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. (org.). *As emoções no discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. *Linguagem e discurso: Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Le Débat Public, entre controverse et polémique : Enjeu de vérité, enjeu de pouvoir*. France: Lambert-Lucas, 2017.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CROWTHER, Kitty. *Meu amigo Jim*. Tradução Flavia Varella. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

DIAS, Maria Berenice. *União homossexual: o preconceito e a justiça*. 3ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

FERES, Beatriz dos Santos. *Leitura, fruição e ensino com os meninos de Ziraldo*. Niterói, RJ: Editora UFF, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. *Leitura de imagens*. Coleção: como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012.